

A INVENÇÃO DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Yuri Rosa Neves
Ciências Sociais/UFSC

A apresentação terá com base minha vivência como estagiário de sociologia com a turma 205 no turno da noite da escola Leonor de Barros em 2014 e numa observação do cotidiano escolar desses mesmos alunos em outras disciplinas. Pretendo refletir sobre a experiência dessa relação pedagógica partindo da ideia de cultura na obra *Invenção da Cultura* de Roy Wagner (2009), no qual a mobilização da ação dos indivíduos tem caráter central e permite interpretar a interação entre professor e aluno através do modo como cada um objetiva o contexto da sala de aula e torna realizável o produto dessa relação: o conhecimento escolar. Wagner dá um sentido dinâmico e inventivo para cultura, não considerando-a como uma essência estruturante da ação dos indivíduos, mas sim como processo de significação através "motivações humanas num nível radical" (p.18), daqueles que inventam cultura (e o conhecimento que também é sempre cultural) na interação. O autor propõe uma interpretação dialética para invenção do significados entre símbolos coletivizantes e daqueles já coletivizados com as simbolizações diferenciadoras e individualizantes, necessárias ao que as pessoas consideram como continuidade da cultura. Desse modo, não haveria nunca reprodução social mecânica de significados, mas uma constante reinvenção da sociedade e dos significados. As simbolizações coletivizantes mais fortes no contexto escolar partem, em grande medida, de determinações ligadas ao caráter institucionalizado que focam conteúdos e formas específicas e, associados ao estatuto legal de direito que o ensino formal tem, dão à escolarização um grande valor social e a potência de exercer uma hegemonia de sentido sobre a ideia de conhecimento. Tais determinações estruturais invadem a sala de aula e influenciam a realização da relação pedagógica, não de modo a torná-la pré-determinada, mas constituindo-se enquanto ponto de partida para invenções variadas das relações pedagógicas de ensino-aprendizagem. De modo amplo, podemos considerar que professores experienciam e objetivam o contexto da sala para ensinar utilizando estratégias didáticas que buscam dar importância e legitimidade ao conhecimento dos quais são "detentores". Para exercerem essa função, acabam constituindo significados sobre a aprendizagem durante sua prática e produzindo um lugar para o aluno que aprende e para o conhecimento que deve ser apreendido. Porém, o conhecimento escolar enquanto produto da relação é dependente da mobilização do aluno também, que, objetivando o contexto da sala para aprender, normalmente é concebido numa posição mais passiva, daquele que "ainda não é detentor do conhecimento". Aprender, em última instância, é um processo de significação de uma informação, e, desse modo, dependente de uma mobilização ativa do aluno em dar sentido ao conteúdo. Ou seja, aprender é inventar (diferenciando e individuando) para o si o conteúdo. Pensar a realização do objetivo da escola (a saber o conhecimento escolar), pensando com os termos de cultura em Roy Wagner, depende de uma interpretação da relação pedagógica a partir de mobilizações significativas de professores e alunos, sabendo que a discrepância de suas posições (detentor versus ainda não detentor) é determinante para a invenção do conhecimento escolar.

Palavras-chave: Roy Wagner. Escola. Cultura.